

Covid-19

Entrevista

Eduardo Marques, diretor do curso de Serviço Social da Universidade dos Açores, destaca o papel dos assistentes sociais num estado de emergência em que está a ser testada a resiliência das comunidades

“Somos especialistas em stress psicossocial”

ANA CARVALHO MELO
anamelo@acorianoriental.pt

De que forma os assistentes sociais podem apoiar a comunidade em geral num momento como o atual?

O serviço social é uma profissão comprometida com o bem-estar de indivíduos, famílias, grupos e comunidades. Logo, a luta contra o Covid-19 também é parte das competências dos Assistentes Sociais! Somos especialistas em stress psicossocial, pelo que a nossa função é combater o stress psicossocial vivido por pessoas em situação de vulnerabilidade e risco social, o que alarga a nossa função à intervenção em catástrofes e emergências complexas.

Num contexto de uma pandemia global, é necessário que os assistentes sociais sejam capazes de contribuir para a solução do problema em diferentes níveis de intervenção, designadamente, adotar medidas de autoproteção rigorosas para evitar que não sejam contaminados no exercício das suas funções; neste aspeto as entidades empregadoras devem providenciar todas as condições e equipamentos de segurança para que o trabalho possa ser garantido com total segurança, mesmo que isso obrigue a investimentos na adaptação de instalações, aquisição de equipamentos de proteção (luvas, máscaras, tocas, óculos de proteção), exigir a higienização de espaços com uma limpeza profunda e diária, bem como poder aceder à desinfetantes e produtos similares. Em emergências complexas são necessárias respostas que vão além das abordagens convencionais.

O trabalho desenvolvido foca-se em determinados grupos, que grupos são esses?

É necessário que o serviço social priorize o trabalho de modo a garantir apoio às populações em situação de maior vulnerabilidade social, designadamente

aquelas que se encontram sem casa, designadamente pessoas sem-abrigo, crianças e idosos institucionalizados ou isolados. Num contexto de pandemia como esta, devemos dar maior atenção às populações de alto risco, pois podem estar mais vulneráveis em termos de saúde e em termos de segurança alimentar e nutricional.

Nesse sentido, temos de informar, sensibilizar, motivar, envolver as populações com quem se trabalha para a importância da prevenção da doença e distribuir 'kits' de desinfeção de mãos entre outros.

Por outro lado, devemos colaborar no combate à desinformação, boatos, medos e incertezas de forma a reduzir a ansiedade e o stress vivido pelos utentes/clientes.

As instituições de foco social estão preparadas?

Apesar de a Europa já ter enfrentado na história recente outras pandemias, como a da gripe A (H1N1), que se iniciou em 2009, o mundo tem enfrentado graves problemas com os vírus pertencentes à família Coronaviridae, designadamente em 2002 com SARS - Síndrome Respiratória Aguda Grave, em 2012 com a MERS - Síndrome Respiratória do Oriente Médio, etc. Infelizmente poucas instituições aprenderam a lição, que não se pode gerir equipamentos sociais sem planos de contingência para vírus e outras emergências. Mais uma vez a falta de planificação converte-se num problema, pois a demora e a desorientação em agir faz aumentar o problema. Verificamos hoje, que não existiam planos, não existia formação específica para os assistentes sociais, que não existia armazenamento de equipamentos e outros suprimentos essenciais, nem tão pouco foi acautelado orçamento para fazer face à crise entendida como emergência complexa.



Eduardo Marques frisa que as populações de alto risco são as mais vulneráveis neste momento

Face ao problema do Covid-19 que enfrentamos, constatamos a nossa vulnerabilidade. É vital que as organizações da economia social, sejam públicas ou privadas, tenham planos desenvolvidos para as populações com quem trabalham e que sejam suficientemente flexíveis para se adaptar às mudanças nas condições de resposta que podem advir de uma pandemia.

A intervenção do serviço social em catástrofe tem sido alvo de estudos que tem vindo a realizar. O momento atual enquadra-se neste tipo de intervenção? De que forma?

A intervenção em catástrofes é uma das áreas da prática profissional dos assistentes sociais que mais vai crescer nos próximos anos. Ao dia de hoje são vários os países que já declararam estado de catástrofe devido ao Covid-19. O Chile declarou na quarta-feira o estado de catástrofe por 90 dias e o estado Português declarou o estado de emergência.

A catástrofe não é algo de novo para o serviço social internacional e o serviço social ambiental ganhou relevo quando em 2012, a “sustentabilidade ambiental” foi assumida como um dos quatro pilares da “Agenda Global para o Serviço Social” e consequentemente im-

pactou no contexto do ensino e da prática dos assistentes sociais.

Vivemos um momento crítico, em que se vai colocar à prova a resiliência das comunidades. Se tivesse existido um trabalho de prevenção a este nível, as suas consequências e o tempo de recuperação seria potencialmente menor, dependendo sempre do tipo de catástrofe.

A participação de assistentes sociais em catástrofes já é uma prática corrente que podemos observar em muito países, mas que está longe de estar regulamentada e institucionalizada de forma clara a nível nacional e internacional. (...)

O debate em Portugal sobre o serviço social em catástrofe ainda está por fazer, embora alguns passos estejam a ser dados de forma errática e sempre a reboque das catástrofes. Atualmente existe um esforço para colocar a formação e a investigação em catástrofes na agenda dos assistentes sociais. É urgente recuperar a experiência e o conhecimento que tem sido adquirido por assistentes sociais em contexto de crises e catástrofes de modo a sistematizar práticas e a construir conhecimentos. Brevemente vai sair o primeiro livro sobre o tema em Portugal – “Serviço Social em Catástrofes e Grupos Vulneráveis” da Factor Editora, no qual a Universidade dos Açores estará presente em dois capítulos. +

Dar voz aos assistentes sociais durante a pandemia

Projeto “Conhecer para agir em emergência de saúde pública - Covid-19” junta investigadores de Itália, Espanha e Portugal, que querem conhecer a realidade do exercício profissional no contexto de pandemia



ANA MELO

É fundamental conhecer as dificuldades enfrentadas pelos assistentes sociais e as soluções que estão a implementar

Só assim podemos ligar o setor social, ao educativo e ao empresarial, ajudando indivíduos, famílias, grupos e comunidades a desenvolverem-se

EDUARDO MARQUES
DIRETOR DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UAC

Reforçar a capacidade de resposta em situações de pandemia é o que se pretende com este trabalho

ANA CARVALHO MELO
anamelo@acorianooriental.pt

O curso de Serviço Social da Universidade dos Açores iniciou um projeto que procura dar voz à experiência dos assistentes sociais envolvidos na situação de emergência sanitária causada pela pandemia de Covid-19.

O projeto “Conhecer para agir em emergência de saúde pública - Covid-19. A intervenção do Serviço Social com públicos particularmente vulneráveis”, junta investigadores e organizações de Itália, Espanha e Portugal, com o propósito de conhecer a realidade do exercício profissional no contexto de pandemia, a fim de identificar e desenvolver um conjunto de boas práticas que permitam fazer face de forma integrada e interdisciplinar às necessidades colocadas pela resposta ao Covid-19 no setor solidário e ao mesmo tempo contribuir para a redução da incerteza e alarme social vivido.

“Face à situação produzida pela propagação do coronaví-

rus, a direção do “Curso de Serviço Social” da Universidade dos Açores, reconhecendo as dificuldade e os desafios que estão a ser vividos pelos profissionais de serviço social na região, no país e no mundo, decidiu fazer uso dos seus recursos para desenvolver um projeto de investigação-ação de grande urgência e necessidade”, revelou o diretor do curso, Eduardo Marques, frisando que “é fundamental conhecer quais são as dificuldades enfrentadas pelos assistentes sociais, bem como as soluções que estão a implementar e que podem ser úteis para outros colegas e organizações”.

Assim este projeto definiu quatro objetivos, cujo primeiro é “dar voz à experiência dos assistentes sociais envolvidos na situação de emergência sanitária relacionada com o Covid-19 através da recolha de informações que permitam diagnosticar as forças e as fraquezas dos Assistentes Sociais e das Organizações onde exercem a sua

profissão a fim de reforçar a sua capacidade de resposta em situações de pandemia. Para tal foi construído um questionário que está a ser aplicado nos três países envolvidos”.

O questionário é dirigido aos assistentes sociais no ativo, assim como àqueles que de momento não estão a trabalhar por estarem desempregados ou aposentados, mas que considerem ser útil responder dado a sua experiência passada que poderá ser replicada em situações semelhantes no presente ou no futuro.

Os outros objetivos passam por desenvolver módulos on-line para formação de assistentes sociais em pandemias e catástrofes; produzir artigos científicos relevantes para os profissionais de serviço social e respetivas organizações; e desenvolver ferramentas on-line para apoio ao teletrabalho e ao exercício profissional dos assistentes sociais em plataformas digitais.

ritórios em que trabalham”.

O diretor do curso de Serviço Social acrescenta que a súbita situação de entrada em teletrabalho, o isolamento social provocado pelo Covid-19 e o estado de emergência, originou o “congelamento” do trabalho em projetos e candidaturas a linhas de financiamento a fundos nacionais e internacionais, situação que também pode agravar os desequilíbrios financeiros derivados deste facto.

Como tal são necessárias ferramentas digitais de trabalho que permitam reuniões à distância, que facilitem o trabalho colaborativo entre instituições locais, nacionais e internacionais, que se criem oportunidades para um Collaborative Online International Learning.

Assim, Eduardo Marques defende que o foco deve ser no desenvolvimento de plataformas acessíveis, muito fáceis de utilizar e tendencialmente gratuitas. “Só assim podemos ligar o setor social, ao educativo e ao empresarial, ajudando indivíduos, famílias, grupos e comunidades a desenvolverem-se, a quebrar o ciclo da pobreza, da solidão ou da exclusão social, mesmo numa situação de pandemia. Ninguém pode ser esquecido ou deixado para trás”, destacou.

Os profissionais que queiram participar nesta investigação podem responder ao questionário através do seguinte link: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfouw32FhwYjZVr8j4QVxYUhtuXJ7_k_NcKloa8B6yOEDmow/viewform?usp=sf_link.

Eduardo Marques refere que em Itália já foram recolhidos cerca de 15.000 questionários e em Portugal no espaço de 48 horas foram recolhidos mais de 600 questionários válidos.

Este projeto junta investigadores e organizações de Itália, Espanha e , fazendo parte deste rede de investigação o Consiglio Nazionale dell’Ordine degli Assistenti Sociali (CNOAS) e a Fondazione Nazionale degli Assistenti Sociali (FNAS) de Itália; a Universidade Pablo Olavide de Sevilha e o Colegio Oficial de Trabajo Social de Sevilla, a Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED), a Universidade da Extremadura (UEx) de Espanha; o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, a Secretaria Regional da Solidariedade Social e a Casa de Saúde de São Miguel - ISJD. ♦